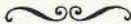


ele que a Lei, realmente, é disciplina de Misericórdia e Justiça, mas com uma diferença: para os ignorantes do dever, a Justiça chega pelo alvará da Misericórdia; mas, para as criaturas conscientes das próprias obrigações, a Misericórdia chega pelo cárcere da Justiça.



5

O médium espírita

Quando o Médium Espírita apareceu na assembleia doutrinária, sinceramente decidido à tarefa que lhe fora designada, abraçou o serviço com ardor; no entanto, as pequenas multidões que o acompanhavam saíram vozes: «é por demais verde, não tem experiência». O seareiro do Bem assumiu ares de adulto e adotou costumes austeros, mas o público observou: «é um velho prematuro, sem a chama do ideal». Ele renovou a própria atitude e mostrou-se entusiasta, mas ouviu novo conceito: «é um temperamento perigoso, entregue à chocarrice». Procurou então adicionar veemência ao otimismo e os circunstâncias fizeram coro: «é explosivo, dado à violência». O servidor arrefeceu os impulsos e começou a usar textos esclarecedores para fundamentar as próprias asserções, lendo pareceres de autoridades, e escutou novo apontamento: «é um burro que não sabe falar, senão recorrendo a notas alheias». Abandonou, daí em diante, o sistema de citações e passou a dar somente respostas rápidas sobre os problemas que lhe vinham à esfera de ação, e exclamaram para logo: «é um preguiçoso, sem qualquer atenção para o estudo». Nessa altura, o obreiro da Espiritualidade julgou mais razoável servir à Causa da Luz, no próprio lar; contudo, ouviu: «é um covarde, não enfrenta responsabilidades diante do povo». O Médium regressou às atividades pú-

blicas e entrou a colaborar na sementeira do conhecimento superior, onde fôsse chamado, e surgiu outra sentença: «é um manequim da vaidade, manobrado por agentes das trevas». O atormentado trabalhador procurou evitar discussões e escolheu atitude de reserva, falando apenas em torno das questões mais simples da edificação espiritual, e comentou-se: «é mole demais, sem qualquer fibra moral para os testemunhos de fé». Registrando isso, esposou o regime da mente arejada com o verbo franco, e anotaram, de imediato: «é um obsidiado, entregue à mistificação». Tentou acomodar-se, fazendo unicamente aquilo que considerava como sendo o seu próprio dever, e clamaram: «é vagabundo, nada quer com o trabalho». Ele tornou a inflamar-se de boa vontade, oferecendo o máximo das próprias forças à construção da Espiritualidade Maior, e acusaram: «é revolucionário, deve ser vigiado»...

Aflito, o medianeiro procurou o Mentor Espiritual que lhe propiciava amparo constante, e chorou:

— Ah! benfeitor meu, que faço se não satisfaço?

— De quem recebeste a tarefa do bem? — perguntou o amigo. — Do Senhor ou dos homens?

— Do Senhor — soluçou o Médiun.

— Então — replicou o abnegado companheiro —, levarei tua indagação ao Senhor e amanhã trarei a resposta.

No dia seguinte, ao amanhecer, quando o servidor orava, rogando força e inspiração, surgiu-lhe à frente o instrutor espiritual e falou, sereno:

— O Senhor mandou dizer-te que, em te nomeando para colaborar na Obra de Redenção, assim o fez porque confiava em teu amor para com os irmãos da família humana, e que, por isso mesmo, não te solicitou o inventário das críticas que porventura te fôsem feitas, e sim te recomendou tão-somente servir e trabalhar.

Nesse instante, o primeiro clarão diurno varou, de chofre, a vidraça. O medianeiro, de alma súbitamente bafejada por nova compreensão, mirou o fio de luz que vencera as trevas para aquecê-lo em silêncio... Em seguida, pensou e pensou, a pouco e pouco invadido de estranho júbilo... Desde então, o Médiun Espírita olvidou a si mesmo e aprendeu com o raio de Sol que a sua força vinha do Senhor e que a sua felicidade se resumia em servir e servir, trabalhar e trabalhar.

